

DESPZENDENSE

Semanario republicano, independente, defensor dos interesses deste concelho

Esta n.º foi visado pela censura

Director, adm e propriet.—José da Silva Vieira.—Redactor no Brazil: *A. S. S.*—Editor—José da Silva Vieira Junior. Comp. e impressão.—Typ. Espozendense—Espozende

Assinatura: Annuo, sem estampilhas 10500 esc.—Com estampilhas e para fóra 12500 e c.—Brasil, (Moeda forte), 305000 rs.—Colónias Portuguezas, 255000 rs.—Número atrasado 1500—Pagamento adiantado. Redacção e administração—Rua Veiga Beirão, 7 a 9—Espozende.

Anuncios: Judiciaes; linha ou esp. de linha 1500 cent.—Anuncios particulares: linha \$70 Comum. ou reclames, linha \$50 c. Imposto do selo, cada publicação. 15 c.—Reclames e obras literarias mediante dois exemplares. Não se restituem originaes não publicados.

DECANO DOS JORNAIS DO DISTRITO DE BRAGA

TEOTONIO DA FONSECA

XIII

MAR

(Continuação do n.º 1.395)

Tem os seguintes lugares habitados: o lugar de Cima, o lugar de baixo, Feital, Calvario, Igreja e Estrada.

Veem-se aqui casas de boa apparencia, sendo as principais a da familia Novais, tendo esta sobre o seu portal fronho a imagem em azulejo do padroeiro com a legenda—S. Bartolomeu—, a da familia Lima e da Gesteira.

Existem nesta freguesia tres lojas de commercio, caixa do correio e Escola Official mista com um lugar, que funciona em casa arrendada.

Realisa-se aqui todos os anos, no dia 24 de agosto, uma importante romaria a São Bartolomeu.

E' este santo advogado contra o mal da gota (epilepsia) e o medo nas crianças.

(Continua)

FOLHETIM (2)

TERRAS PORTUGUESAS

ESPOSENDE

Hoje o concelho de Espozende conta 4119 fogos e 17977 habitantes, e a vila, sede do concelho, 366 fogos e 357 habitantes. (1)

Feriado concelhio a 15 de Agosto—dia da sua festa grande, a Senhora da Saúde. (2)

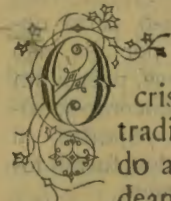
(1) E' concelho de 2.ª ordem, fiscal de 3.ª classe, comarca tambem de 3.ª classe e relação do Porto. Tem 11.063 hectares de supreficie.

(2) O feriado municipal devia a Camara marca-lo para a véspera da sua Festa grande e esta ser mudada para o dia 2 de agosto, se coincidissem ao domingo que é dia consagrado pela Igreja á Festa de N. Senhora dos Anjos, padroeira da vila de Espozende ou no domingo immediato, já que o dia 15 não representa a data da sua emancipação como vila, pois que a Carta de Alforria foi conferida e assinada por el-rei D. Sebastião, em 19 de Agosto de 1572.

Assim evitava-se haver duas festas de muito luzimento e pompa, no mesmo dia 15 de agosto, em honra de N. Senhora, perto uma da outra, e com grave prejuizo para ambas, e haver muitas mais nos concelhos da redonde-

DIA DE PASCOA

ALELUIA! ALELUIA!



ristianismo seguindo a tradição que vem ligando as gerações e encadeando séculos, celebra, solenemente, a data sagrada da Ressurreição, numa apoteose de Fé recrudescente, de luz vivificante, de sons harmoniosos, de perfumes subltis, de cores suavissimas, de amor fraternal.

Relembrando o martirio do Gólgota, os fieis ajoelham reverentes, sobre o pavimento das igrejas, ciciando rezas; a luz morticia, velada em crépes, fende a penumbra, rasga as trevas; as purpuras substituem os paineis negros da desolação; os sinos entoam festivos hossanas de gloria; o amor do proximo impõe-se ao genero huimano pelo sacrificio crudelissimo do drama espantoso do Calvario!

Findou o luto. A dor pungente transformou-se em Redenção! As traições vis, purificou-as o fogo, queimando o Judas,

A Geografia de Barros, de 1549, diz que na foz do rio Cávado, onde este entra no mar, estão os lugares de Fão e Espozende, que são bons portos de mar.

Diz que no Minho há 12 vilas boas, entre elas Fão (3) e Espozende; e, entre os portos, cita Fão; em todos havendo homens muito espertos na arte de marear, e se faziam muitas naus e navios com a madeira da terra.

za e por todo o Minho.

Esta minha lembrança não será acerte, mas contudo vai de vista ao Reverendo Padre Manoel Martins de Sá Pereira, dignissimo Presidente da Commissão Administrativa da Camara Municipal de Espozende.

(3) Fão nunca foi vila, dotada com foral nem antes nem depois de fundada a n.ª sua nacionalidade, sendo tratada sempre nos documentos officiais antigos como lugar.

Os seus moradores, porem, movidos pelo vigario de então Padre Manuel Maciel Jordão, requereram essa prerogativa, que não chegou a ser satisfeita, embora pedida; por a contrariar a Camara Municipal de Barcelos, em sua sessão magna de 19 de Novembro de 1680. Outrossim, desejava Fão, a jurisdicção em sete freguesias do termo de Barcelos, as quais por ficar em circuito, julgou ser: Apanha, Barqueiros, Cristelo, Fão (sede), Fonte Boa, Lapela (anexa a Fonte Bôa) e Rio-Tinto.

—outrota enforcado numa fogueira.

Aleluia! Aleluia!

Todos os elementos da natureza se conjugam para a alegria maxima que inunda os corações:

As andorinhas beijam os ninhos, que encontraram, ainda nos beirais das casas.

A Primavera, acariciante, tapetou os valados, enflorou as campinas!

Destacam-se, entre miriades de modestas florinhas, os lirios roxos, amarelos, brancos, setinosos, macios como veludos!

Serpenteiam rosas pelas grades dos jardins; os lilazes espreitam pelos muros. Ramarias verdejantes sobem pelas paredes, trepam pelos edificios impregnando o ar de invisiveis camadas odoríferas!

Os passaritos, trinam bemo-ladas e lindas canções; os sinos repicam vibrantes melopeias; o Sol, que raramente deixa de presidir a esta sinfonia espalha, jubilosamente, cintilações de oiro espaço infinito!

Bendita a Pascoa, adoravel de unção religiosa, festa santa que enche de encanto as almas

Diz Pinho Leal:

Espozende — vila, Minho, comarca a 14 quilómetros a oeste de Barcelos... 14 ao norte da Póvoa de Varzim (aliás—20)... 430 fogos, numa só freguesia, e 1:650 almas (no concelho, 3330). Em 1757 a vila tinha 183 fogos.

Que antigamente o orago era Senhora da Graça e agora Senhora dos Anjos.

Que está em 41.º 31' de latitude, N, e 15' de longitude occidental.

Que é situada em plano, sobre a direita e na foz do Cávado, com um pequeno pôrto de mar, único no distrito de Braga, para iates e rascas.

Que era defendido por um forte, que há muitos anos está desguarnecido e muito arruinado. (4)

(4) O forte de S. João Batista da barra de Espozende, foi mandado construir por D. Pedro II, em 1699, sendo o mestre de campo de engenharia Vila Lobos, o encarregado da

crentes e dá esperança aos espiritos eivados de escuro pessimismo, batidos pelos asperos revezes do Destino.

Boas-Festas! Boas-Festas!

DANILO.

CONTORNANDO A LITERATURA

II

CANCIONEIRO GERAL

Seria uma falta indisculpavel, o não me referir a esta collecção de poesias portuguezas do século XV, organizada por Garcia de Resende, que grande influencia exerceu no seu século. A poesia do Cancioneiro Geral, revela na verdade uma cultura extensa da parte do seu autor. Avisinha-se o conhecimento da literatura italiana, da espanhola, da Biblia, e da teologia catolica. Os poetas agora, abandonam por assim dizer aquele formalismo rude e incompreensivel, para se aproximarem da vida rial, como se nota numa descrição da batalha de Alfarrobeira, e numa critica dos costumes da época, feita por alguns fidalgos portuguezes que estavam em Africa. Nota-se so-

Que tem farol e duas feiras anuais, em Junho e Dezembro, ambas muito concorridas. (5)

Que o seu território é fértil em cereais, vinho, linho e frutas; muito peixe.

Que em frente, e na margem esquerda do Cávado, fica a freguesia de Fão. (6)

Que é provável que os omanos aqui estabelecessem alguma estação naval, de maior ou menor importância; mas que de isso não ha vestigios. (7)

execução da obra, a qual tambem projectou e começou a abrir os seus alicerces.

(5) O farol, funciona no antigo forte de S. João Batista, desde o ano de 1866, e as feiras anuais, realisavam-se: uma em 24 de Junho, dia do Nascimento do Santo Precursor do Messias, e a outra, em 24 de Dezembro, dia da Vigilia do Nascimento de N. Senhor Jesus Cristo, mas já se não realisam, e caíram em desuso; eis o desleixo da terra.

(6) Aliás, mete-se de permeio a freguesia de Gandra.

(7) No ano de 1684 descobriu-se uma anta ou mamoas no campo ainda hoje chamado Campo da Mamoas, que fica por traz do novo hospital, como se pode ver em J. Condatador de Argote, nas suas *Memorias de Braga* 1734, t. II, pag. 510 e 511.

bretudo e isto é interessante, um certo poder de *analyse psicologica*, o que equivale a dizer, que neste momento os poetas se começam a preocupar mais com a existencia da alma humana, o que não acontecia por exemplo com as poesias dos cancioneiros anteriores.

O verso do Cancioneiro Geral, já não é duro. Tornando-se flexível um revela a facilidade de expressão bastante notoria.

Quanto á linguagem, as poesias estão divididas em poesias em castelhano escritas por castelhanos muito poucas. Poesias em castelhano escritas por portugueses muito frequentes. Poesias em português, escritas por portugueses são também muito frequentes e nem isso admira. Há alguns anos se levantou uma grave discussão sobre a data da poesia mais antiga deste cancionero, assunto que relataremos na proxima ocasião.

(Continua)

Domingos Gomes.

ESTATUTOS do

SINDICATO AGRIC. APULIENSE

Aprovados em 9-3-1931

Capitulo 3.º

4.º A requerer, conforme o disposto na lei e nestes Estatutos, a convocação da Assembleia Geral ao respectivo presidente. Quando este não tome conhecimento do pedido de convocação, ou esta não seja feita no devido prazo, deverá o socio requerel-a ao Juiz do Tribunal do Comercio para que a ordene nos termos legais.

5.º A examinar a escrituração e contas do Sindicato nas epochas e segundo as condições da lei e destes Estatutos.

6.º A recorrer das delibera-

Que consta, porém, que este rio foi navegavel, desde a sua foz até Prado, subúrbios de Braga. (8)

Que nos «Anais do Municipio», de Espozende, se lê que a barrá do Cávado foi antigamente muito importante, havendo neste porto 70 a 80 navios de alto-bordo (tinha 74 destes navios em 1572); e que ainda pelos anos de 1807, a 1809, se fizeram, neste porto, grandes e vastissimas obras, que a invasão franceza interrompeu, mas que ainda hoje atestam a importância que este porto merecia ao Governo do príncipe regente, depois D. João VI.

Baptista de Lima.

(8) Aliás, até o convento de Vilar de Frades, onde os romanos fundaram a Vila da Arénis.

Bento Antas da Cruz.

ções da Direcção e da Assembleia Geral nos casos permitidos por lei.

Art.º 14.º — Os socios do Sindicato são obrigados: 1.º A contribuir para o fundo social com a joia de entrada de um escudo e regularmente com a cota mensal de dez centavos.

2.º A desempenhar os cargos para que forem eleitos, salvo os impedimentos ou dispensas consignadas nestes Estatutos;

3.º A cumprirem rigorosamente e fiscalisarem o cumprimento da lei e do Estatuto, participando á Direcção todas as infracções de que tiverem conhecimento, principalmente as que affectem responsabilidade colectiva da Associação, ou ponham em risco os interesses sociais;

4.º A cumprirem pontualmente as clausulas dos seus contratos e escrupulosamente satisfazerem os demais compromissos a que se sujeitaram;

5.º A apresentarem com fidelidade, verbalmente ou por escrito os esclarecimentos pedidos pela Direcção e pelos funcionarios dos Serviços das Associações Agricolas, Caixa Geral dos Creditos Agricolas para cumprimento dos seus deveres officiaes;

6.º A concorrerem, por todas as formas ao seu alcance para o bom nome e para o maximo de efeitos uteis do Sindicato, fazendo a propaganda das suas vantagens e beneficios.

§ Unico. Podem ser dispensados de exercer qualquer cargo para que forem eleitos, quando assim o solicitarem, os socios que houverem servido na ultima gerencia ordinaria com efectividade, ou tiverem mais de sessenta e cinco anos de idade.

(Continua)

CONTOS...

Um gato de tamaras. — Tinham casado recentemente. Discórdia entre eles não a havia; notava-se contudo, no marido, certo desalento. Quando, à noitinha, chegava da fazenda, debalde a mulher lhe prodigalizava as suas caricias; debalde tentava apreender os motivos daquelle quebranto.

Lembrou-se ella uma vez, ao serão, de pôr uma gravata ao gato: o homem ficou indiferente. Vestiu-lhe, depois, uns calções de papel; nullo resultado. Por fim calçou-lhe umas tamanquinhos de bugalhos, com as quais o bichano, andando, fazia *te-to-tar-roo* pela casa; nada disso, porém, o interessou.

Preocupada por tam estranha apatia, procurou ella um dia sua sogra e expôs-lhe o caso. A sogra ouviu-a, e disse-lhe:

— Sossega; eu lá irei.

Nesse dia, quando o homem chegou do trabalho, tinham as duas a mesa posta e abundantemente provida.

Ele comeu; comeu-lhe bem e

bebeu-lhe melhor. Ficou como um déz. E então, cheio o fole, a alegria ressurgiu como por encanto. Ria, ria perdidamente.

Então ellas perguntaram-lhe:

— De que te ris tu?

E elle:

— Do gato com as tamanquinhos de bugalhos, ontem à noite. Era tam engraçado!

Laranjas e irras. — Era uma vez um padre, que, para se rir, pregava às vezes gostosas peças a um seu criado simplório.

Um dia mandou-o elle à praça, e disse-lhe:

— Traz-me laranjas e irras.

De laranjas proveu-se logo o criado, porque havia abundancia; mas as tais irras, quem é que delas lhe daria relação? . . .

Entretanto apertou-o certa necessidade que outrem, por elle, não poderia suprir. Dirigiu-se, pois, a um escuso recanto; e, ao acocorar-se sobre umas ervas que, pujantes, aí cresciam, — irral — bradou, furtando-se lestantemente ao contacto.

Foi para elle um achado, aquelle incidente. Tratou, pois, de colher um bom mólho de urtigas, que introduziu no cabaz, e voltou a casa.

— Trazes tudo? — perguntou o padre, mal elle chegou.

— Trago, sim, senhor meu amo.

E apresentou-lhe o cabaz.

O padre mete precipitadamente a mão, e exclama:

— Irral!

— Mais abaixo estão as laranjas, senhor prior, — informa o criado.

A confissão do cabreiro. — Um cabreiro foi-se confessar; e o padre impôs-lhe por penitencia jejuar três dias a pão e água.

Ouvir isto o cabreiro, levantar-se e abalar, foram actos consecutivos.

Entretanto ocorreu-lhe uma transacção. Já no limiar da porta:

— Lá da barraca de paul-grita éte — se quere a pão e leite, muito que bem; se não, temos conversado.

— A semana santificada. — Domingo:

— Mulher: Podes coser-me sete rasgão e pregar-me aqui uns botões?

— Tarrenego, homem! Trabalhar no dia do Senhor! Nenja eu. Ora o deino não tem sono!

Segunda-feira:

— Sim; ontem era domingo. Mas hoje. . .

— Mas hoje! Ora tu! . . . Não sabes que a segunda-feira é das bemitas Almas?

Têrça-feira:

— A têrça creio que não terás escrupulo. . .

— Cal-te aí, homem! No dia em que todos os devotos do glorioso Padre Sant'António lhe rendem cultos ia eu trabalhar? Oranão há!

Quarta-feira:

— Poderás hoje. . .

— Vai-te, vai-te! Dia da minha rica Senhora Sant'Ana! Não penses nisso.

Quinta-feira:

— E então hoje?

— Crédo! No dia da instituição do SS. Sacramento! Parecé mesmo tentação!

Sexta-feira:

— Hoje, então. . .

— Deus do Céu! Quando se commemora a Sagrada Morte e Paixão queres tu que eu trabalhe?! Fariseu! Sabado:

— Hoje, em-fim. . .

— Mãi Santissima! Ao sábado! O sábado é de Nossa Senhora, homem! Ora o diabo é tendeiro!

Pelo visto, o ano, para essa mulher, compunha-se de cincoenta e duas semanas. . . santas.

— Tordo ou tordoveia? — Foi na véspera de Natal. O homem, que saíra á caça, chegou a casa com uma tordoveia que tinha matado.

— Olha, mataste um tordo! — exclama a mulher.

— Não é um tordo; é uma tordoveia.

— É um torço.

— O mulher, é uma tordoveia.

— Um torço, um tordo é que é.

— Uma tordoveia, uma tordoveia!

Tanto insistiram que por fim trocaram uns tabefes.

No ano immediato, em igual dia, a mulher:

— Faz hoje um ano que tu mataste um tordo.

— Era uma tordoveia.

— Não era tal; era um tordo.

— Já te disse que era uma tordoveia.

— Sim, senhor; era um tordo!

— Não, senhora; era uma tordoveia!

Tanto teimaram, que no resto jogaram as cristas.

Nos anos seguintes, na véspera do Natal, — era já sabido! — entre os dois repetia-se invariavelmente a velha questão do tordo e da tordoveia, acabando sempre a sopapo.

— Até à cepa torta. — Pegou na enxada e no farnel, o preto; e, em obediencia a ordens recebidas, foi lavar para o choiso.

A noite pergunta-lhe o amo;

— Então, preto, aonde chegaste?

— À cepa torta, mê sior.

Aquella pergunta, repetida nos dias seguintes, provocava sempre a mesma resposta.

Admirado de que o seu criado não passasse nunca da cepa torta, o amo um dia encaminha-se ao choiso, mete-se aí num esconderijo e põe-se à espreita.

Disponha-se o preto a mandar ao bucho, nessa ocasião, a provisào que levava. Desatando, pois, o farnel, passa revista ao corteúdo.

— Cabeça de água,

Pão de cevada. . .

Cava, enxada!

E agarrando nestá, zasl. . . aí vai ella aos tombos peço choiso além.

A noite, em casa, a inquirição do estilo.

— Então, preto, aonde chegaste?

— À cepa torta, mê sior.

O amo calbu-se, — lá daria porém as suas ordens; e no dia immediato, à costumada hora da refeição, ei-lo no miradoiro da véspera.

O preto desata o farnel:

— Pão de trigo,

Cabeça de vinho. . .

Cava, negrinhol!

Daí a uns dias, o choiso estava todo esmeradamente agricultado.

Os estudantes e o lobo morto. — Três estudantes, um dia, foram passear ao campo. E encontrando aí um homem que levava um lobo morto, com o qual andava a pedir (r),

(1) Entre camponões, quem mata um animal daninho pega nele e vai pelas portas pedir para quem matou a raposa (lobos, já aqui não há), ou o texugo, ou a gineta, ou o toirão.

propôs um deles que fizessem uns versos ao bicho; e que quem não quisesse ou não soubesse afzê-los, pagasse o jantar.

Ficou isto assentado. E disse logo um dos estudantes:

*Este lobo, em sua vida,
Andou mais pela serra que pela vila.*

Outro disse:

*Este lobo, em sua vida,
Comeu mais carne crua que costila.*

O terceiro:

*Este lobo, por onde andou,
Se muito comeu, nada pagou.*

Por fim, o homem do lobo:

*Versaram muito bem, lá isso é facto;
Paguem então o jantar todos três,
E vamos comê-lo todos quatro.*

O moleiro.—Chega um dia o moleiro ao seu moínho, e diz para a mulher:

*Acode, Josefa, acode,
Pega lá este fole.
Dá-me cá o maqueiro
Para o maquiar primeiro.*

Em seguida propõe-lhe:

*Deita milho às galinhas;
Faze papas às vizinhas.*

(Continúa)

ESPOSENDE

Amigo Silva Vieira.

O snr. Bento Antas da Cruz dignou-se anotar, em «O Espozendense», o que eu escrevi sobre Espozende na minha obra «Terras Portuguesas». Muito obrigado.

D. Sebastião deu carta de vila a Espozende, citando o avô do rei (D. João III), e eu falei em D. Manoel por ser o monarca a quem se deve a grande reforma dos forais, — também avô, bisavô de D. Sebastião.

Quanto a Neiva, não há confusão possível: sei que havia o Julgado de Neiva, a que pertenciam Espozende e Barcelos, etc., e o Julgado de Aguiar de Neiva, e que pertencia, entre outras, a freguesia de Santa Lucrecia, que hoje se diz de Aguiar. Estes Julgados, distintos e com origem em castelos antigos, passaram a fazer parte do Condado de Barcelos, bem como os julgados de Faria, Penafiel de Bastuço e Vermoim.

Aguiar de Neiva, que também aparece designado por *Aguiar de Riba-Lima*, sem dúvida para não se confundir com o Julgado de Neiva, **não teve foral velho**: só teve o manuelino, conjuntamente com o de Barcelos, Faria, Neiva, Penafiel (de Bartuço) e Vermoim, em data de 7 de Agosto de 1515. Teve-o o Julgado de Aguiar de Neiva, composto de diversas freguesias e não só de Santa Lucrecia. Se houve uma vila de Aguiar de Neiva, foi primitivamente no respectivo castelo,

sendo possível no entanto, que depois a sede do mesmo Julgado se transferisse para Santa Lucrecia, uma vez deixando de ter importancia a referida fortaleza...

O Snr. Antas da Cruz diz que a vila de Aguiar de Neiva teve foral velho de D. Afonso III, de 12 de Julho de 1258, e foral novo, de D. Manuel, de 4 de Novembro de 1512. Não conheço foral manuelino com esta data, dado a qualquer Aguiar, mas sim o de 4 de Maio—**dado a Aguiar da Beira**.

O foral de 1258—estou autorizado a afirmá-lo—também é de Aguiar da Beira, pois fala nos rios Távora e Dão, em Caria, Cernancelhe, Açôres e Trancoço. Vem publicado nos «Portugaliae Monumenta Historica», da Academia das Ciências.

Está certo Franclim, a que me reportei, e equivocado o Snr. Antas da Cruz.

Baptista de Lima.

Melhoramentos

Locais

Diz «O Correio do Minho», de 16:

«Conversando há dias com o illustre presidente do Municipio espozendense, rev. Sá Pereira, soubemos que S. Ex.^a, depois da última viagem feita á capital, conseguira para a sua e nossa terra a solução de algumas das suas maiores petições.

Entre os diversos melhoramentos a realizar, os primeiros a serem iniciados, vão ser a reconstrução do cais da foz do Cávado, ponto de partida para a edificação do pôrto de mar e a construção duma doca de abrigo afim das embarcações piscatorias poderem estar em dias de cheias e tempestade em logares seguros.

Mas a grande actividade do nosso bom amigo, snr P.^o Manuel Sá Pereira, não fica limitada unicamente a estas duas grandes e importantes obras.

Disse-nos S. Ex.^a que muito breve será a nossa Avenida Marginal, ligada por uma nova avenida á estrada nacional n.^o 1.

Esta nova avenida será uma das mais belas desta linda terra, porque a ser executada por onde está projectada, teremos aí um logar cheio duma graça que a Natureza só em rarissimos casos oferece ao aproveitamento do homem.

Espozende é já hoje uma vila moderna e uma praia que pela sua invejavel situação atrai todos os anos nas épocas balneares inúmeras famílias.

Felicitemos pois o rev. P.^o Sá Pereira e fazemos votos para que leve ao fim a grandiosa obra que encetou e que o tor-

nou querido dos irmãos da sua terra.»

Em Palneira do Faro, deste concelho, encontra-se na sua propriedade do Bairro-Alto, o nosso velho amigo, sr. Francisco Bento da Rocha, com sua ex.ma familia, da cidade do Porto, onde vem passar algum tempo.

Os nossos cumprimentos.

Encontra-se há já algumas semanas doente o sr. José da Silva Pinto, comerciante, nosso velho amigo, encontrando-se actualmente com muitas melhoras, o que sinceramente estimamos desejando-lhe pronto restabelecimento.

Encontra-se entre nós a passar as festa da Pascoa o Ex.^{mo} Snr. Dr. Alexandre Henrique Torres, distinto advogado no Porto e sua Ex.ma familia.

Semana Santa

Tem decorrido durante a semana com toda a solenidade os actos religiosos da Semana Santa.

No Domingo de Ramos, saíu como de costume o Senhor ao entrevados e presos da cadeia.

Na quinta-feira, á noite sahíu a procissão do Ecce-Homo e ontem a do Enterro.

Os sermões foram muito apreciados.

Hoje sabado, aleluia, e amanhã, domingo, sahirá como de costume, a tradicional visita pascal aos domicilios.

Bois gordos

Na ultima 5.^a feira foram apresentados ao publico, percorrendo as nossas ruas alguns exemplares de bois para aoater de corpulencia e gordura abundante.

6 estampas, cada qual a melhor, pertencendo 2 ao sr. Manuel José de Carvalho, 2 ao snr. Adolfo Rodrigues & Carvalho, e os restantes ao snr. Boaventura Pereira da Silva,

No proximo numero daremos o peso destes.

PRESTAÇÃO DE TRABALHO

Até ao dia 26 deste mês acha-se patente, para efeito de reclamações, o mapa de lançamento do imposto do trabalho referente ao ano de 1934.

Todas as reclamações devem ser devidamente documentadas.

AFERIÇÃO DE PESOS E MEDIDAS

Todas as firmas ou individuos que utilizem instrumentos de pesar e medir no exercicio comércio ou industria, devem mandar proceder á respectiva aferição na officina de pesos e

medidas deste concelho, durante os mezes de Maio e Junho.

Os interessados devem apresentar recibo da contribuição industrial paga ao Estado, sem o qual não pode efectuar-se a aferição.

Aos viticultores

A Administração do Concelho tornou publico, por meio de editais, que todos os viticultores e viveiristas devem declarar ao regedor da freguesia ou na Administração do Concelho em que estão situados os seus prédios e até ao próximo dia 20 do corrente o seguinte:

a) O local e o numero de pés de vinha que possuem plantadas antes de 1932;

b) O local e o numero de pés de productores directos que possuirem nesta data;

c) O local e o numero de pés de bacelo americano que possuirem nesta data;

d) O local e o numero de bacelo plantado depois de Abril de 1932 e ainda não enxertado;

e) O local e o numero de pés de bacelo enxertado depois de 13 de Abril de 1932.

SERVIR

Todos os portugueses que querem ser do Estado Novo devem rectificar o significado deste termo que o liberalismo desvirtuou e adulterou.

Servir não é seguir alguém unicamente por receio, pusilanimidade, covardia, medo ou interesse. Um homem não é uma coisa de qualquer pessoa. É um ser com inteligencia para distinguir o bem e o mal e com liberdade para seguir um ou outro.

Servir não é pertencer ás coisas materiais, obedecer aos prazeres dos sentidos ou viver ao sabor das conveniencias como um catavento.

Servir é viver numa tensão de vontade para que se realize o que a nossa inteligencia julgou como bom, justo e belo.

Servir é pugnar sem descanso pelos motivos espirituais que elevam o homem: a Justiça, a Honra e o Dever.

Servir é possuir a firmeza de caracter para não desanimar ante as maiores adversidades.

Servir é dedicar a vida a um grande Ideal, desprender-se de si e entregar-se ao resgate dum Passado e á preparação dum Futuro melhor.

Servir é, depois de ter aderido integralmente á doutrina do Estado Novo, seguir com firmeza de alma e absoluta lealdade, Salazar.

Artur Boaventura Rego
ESPOZENDE

PORTOS MARITIMOS

O Porto dos Cavalos de Fão

poderia, com poucas obras, transformar-se no melhor de toda a costa norte de Portugal—diz-nos o capitão de mar e guerra snr. Almeida Lima

Já ha tempos o *Seculo* se referiu aos *Cavalos de Fão* e á possibilidade de transformar aquele porto natural em um magnifico porto de abrigo e commercio, servindo todo o norte do paiz e com um dispendio relativamente diminuto.

Em um folheto que temos presente, diz o snr. Chaves Coupon que este porto se pode reputar, sem contestação, o primeiro porto do norte do paiz e uma maravilha natural. A sua importancia subiria se para ali derivassemos a foz do rio Cavado—a muito poucos metros distante. Economicamente, as suas vantagens são evidentes, devendo-se utilizar a sua bacia para espaçosa doca que excede o ambito do porto.

Mede este 1.900 metros de comprimento por 1.500 de alto. Contém em si os mais naturais prediados para a construção de um grandioso porto de abrigo, segundo a ciencia moderna. As pedras da Queixada, dos Cavalos e da Cernelha, medindo respectivamente, 600 por 500, 200 por 150 e 500 por 100 metros serviriam muito bem para caes acostavel, casa da alfandega, armazem, farol iluminando desde Viana do Castelo até Vila do Conde, e outro caes acostavel na ultima das pedras, a da Cernelha.

A urgente necessidade—diz ainda no mesmo folheto o sr. Chaves Coupon—a suma utilidade em soerguer este porto é obstar a mais naufragios e a maior numero de victimas.

N'estes ultimos vinte anos o numero de victimas e naufragios tem subido com todos os horrores da desgraça, na costa maritima do norte.

A causa principal, unica, dos naufragios nos *Cavalos de Fão* está nas suas pedras serem as mais enraizadas de toda a costa do continente.

Consequentemente, levantando-se nos *Cavalos* um porto de abrigo, mesmo no amago do perigo, isto é, entre os baixos do Roncador e da Foz, os naufragios não mais se dariam, porque este porto serviria de belisa a demarcar o perigo; mas, quando por mera fatalidade, ou simples descuido um naufragio se des, para logo as victimas seriam

socorridas.

Seguidamente o sr. Chaves Coupon compára a superioridade dos *Cavalos de Fão* sobre Leixões, no respeitante ás suas condições e facilidade de transformação para um grandioso porto, de abrigo e de commercio.

Em face das afirmações feitas n'este folheto, quizemos ouvir alguém da nossa marinha de guerra e que, conhecendo os *Cavalos de Fão*, nos pudesse elucidar ácerca do seu valor e da possibilidade de transformação em porto de abrigo.

O capitão de mar e guerra, snr. Almeida Lima, dignissimo presidente da comissão central de pescarias e que em 1908 esteve com tres torpedeiros nos *Cavalos de Fão*, presta-se a satisfazer o nosso desejo, dizendo-nos:

—O que diz o folheto é uma verdade e em toda a costa portuguesa do norte não conheço nada melhor do que os *Cavalos de Fão* para fazer um magnifico porto de abrigo e de commercio, dada a sua excelente situação geografica.

«A disposição natural das rochas no porto em questão indica perfeitamente as obras a realizar.

«Basta apenas completar o que a natureza nos deu, ligando as pedras entre si.

O porto comercial dos Cavalos de Fão serviria admiravelmente todo o norte do paiz

«Presentemente, já ele é um bom porto de abrigo, principalmente abaixo das meias marés.

«Tem profundidade para todo e qualquer navio, pois a sonda nos dá de nove a quinze braças.

«Em 1908, quando lá estive com os torpedeiros, tive occasião de contornar com eles todas as pedras e rificar da beleza d'este porto tanto para abrigo como para o commercio, se n'ele completarmos a obra da natureza.

«Pelo lado do sul é acessivel sempre e com qualquer mar a todas as embarcações, ainda as de maior tonelagem; já não digo o mesmo do lado norte, que, pelo labirinto de bancos que tem á en-

trada, seria perigoso.

«Entretanto, a fazerem-se as obras, todos esses bancos seriam devidamente balisados.

—Quanto poderiam custar todas as obras a realizar nos *Cavalos de Fão*?

—Não posso calcular, nem mesmo aproximadamente; todavia se quizermos comparar o valor d'este porto, quando completo, com o de Leixões, é evidente que não só ficará muito mais barato, mas tambem muito melhor, sob todos os pontos de vista.

«A cidade do Porto reclama as obras de Leixões; muito dinheiro ali se tem gasto; muito mais se vae gastar e gastará; mas a verdade é que os *Cavalos de Fão*, sem duvida alguma poderiam ser o melhor porto de toda a nossa costa do norte.

«Sob o ponto de vista comercial serviria o Douro, o Minho e as Beiras e o dispendio não seria muito grande.

«Não se desejando gastar muito dinheiro, e visando apenas ao aproveitamento das condições naturaes dos *Cavalos de Fão*, para fazer d'ele um porto de abrigo para a pesca, bastaria ligar as pedras da Queixada e dos *Cavalos* por meio de um paredão. Esta obra não custaria mais de duzentos contos, e os pescadores teriam, com qualquer mar, garantido um abrigo seguro. E' evidente que, uma vez realizados estes trabalhos, que levariam á classe piscatoria a confiança absoluta de se poder aventurar ao mar, certa do abrigo do porto em caso de tormenta, ou de socorro immediato se nos baixos do norte se produzisse alguma desgraça é evidente, repito-lhe, que grande incremento passaria a ter a industria da pesca.

Feitas as obras nos Cavalos de Fão, o porto de Leixões não teria razão de existir

—As obras a realizar para fazer do porto natural dos *Cavalos de Fão* um bom porto de abrigo e de commercio resumem-se na ligação das pedras por meio de paredões?

—Havia tambem necessidade de fazer um bom quebra-mar na entrada do sul, e, como as obras feitas

no mar ficam muito mais caras do que feitas em terra, entendo que a parte norte poderia ser aproveitada para estabelecer essa comunicação. A distancia entre a Cernelha e a pedra dos *Cavalos* mais proxima, embora tenha uma profundidade de 15 pés, é muito curta o que facilitaria enormemente a comunicação contribuindo assim para o barateamento das obras a realizar.

E' claro—continua o snr. Almeida Lima—que o Porto combate enormemente este grande melhoramento, porquanto, feitas as obras nos *Cavalos de Fão*, transformado este natural porto de abrigo n'um grandioso porto comercial, o que, evidentemente, poderia ser, não resta duvida que o porto de Leixões morria.

Se eu um dia, comandando um navio corresse perigo proximo de Leixões, não procuraria este porto, mas sim os *Cavalos de Fão*, mesmo na situação em que presentemente se encontram.

«Todos sabemos bem que em Leixões, quando ha perigo, o unico recurso que tem os navios é ir para o mar, onde estão mais seguros.

«Enfim, quanto ás vantagens dos *Cavalos de Fão* sobre Leixões, desnecessario será falarmos, por isso que são bem evidente, e sob o ponto de vista economico e comercial, resultante do aproveitamento d'este porto, o simples exame da sua situação geografica nos mostra os resultados a colher.

Assim nos falou o snr. Almeida Lima, sobre uma riqueza natural que possuímos e que não aproveitamos.

Segundo o sr. Chaves Coupon, o porto dos *Cavalos de Fão* tem ainda a vantagem de jámais poder ser açoreado, porque o seu lastro, geralmente é pedra lisa a grande profundidade e esta não consente areia sobre si, e, fóra do porto, pedra é, a grande profundidade; e para além d'estas existe o lodo; tem a defender as areias pelo norte a pedra da Cernelha, e pelo sul, além das pedras, o baixo do Roncador, no rumo de sudoeste. Não pode, pois ser esquecido—diz o sr. Coupon—um porto com tão excelentes condições naturais.